



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ELIANE VIEIRA DOS SANTOS

**Conversas no alpendre: contando histórias, reinventando a
vida.**

MARABÁ/PA 2020

ELIANE VIEIRA DOS SANTOS

**Conversas no alpendre: contando histórias, reinventando a
vida.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para a obtenção do título de Licenciada Plena em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Maria Cristina Macedo Alencar

Marabá/PA 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Santos, Eliane Vieira dos

Conversas no alpendre: contando histórias, reinventando a vida / Eliane Vieira dos Santos ; orientadora, Maria Cristina Macedo Alencar. — Marabá : [s. n.], 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2020.

1. Educação rural. 2. Memória autobiográfica. 3. Pesquisa – Aspectos sociais. 4. Educação – Aspectos sociais. I. Alencar, Maria Cristina Macedo, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.19346098115

Elaborada por Adriana Barbosa da Costa - CRB2/994

ELIANE VIEIRA DOS SANTOS

**Conversas no alpendre: contando histórias, reinventando a
vida**

Trabalho de Conclusão de Curso- Memorial de Formação -apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para a obtenção do título de Licenciada Plena em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Aprovado em: 27 /11/2020

BANCA EXAMINADORA

_Prof.(a) Dra. Maria Cristina Macedo Alencar
Faculdade de Educação do Campo- UNIFESSPA
(orientadora)

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA
(avaliador I)

Prof. Dr. José Sávio Bicho de Oliveira
Faculdade de Educação do Campo-UNIFESSPA
(avaliador II)

Dedico este Memorial aos meus familiares, ao meu esposo, meus filhos, minha cunhada e concunhado, aos colegas de turma e a todos os docentes que fizeram parte dessa formação e, especialmente a minha orientadora Maria Cristina Macedo Alencar que com toda sua paciência me incentivou a continuar.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, pois sem Ele nada sou e nada tenho.

Aos meus familiares que me incentivaram desde o início me dando apoio.

À minha avó, que Deus a tenha, que sempre me incentivou a prosseguir, nunca desistir dos estudos.

Aos meus filhos que compreenderam minha ausência me incentivando nessa trajetória acadêmica.

Ao meu esposo Pedro que sempre me apoiou e se disponibilizou a ajudar no que foi preciso.

À minha filha Ályce que me ajudou bastante nas dúvidas quanto à parte tecnológica dos trabalhos.

À minha cunhada e concunhado, Jean e Tião que me apoiaram e ajudaram sempre que eu precisava.

Às escolas onde estagiei as quais me acolheram e permitiram que realizasse meu trabalho de estágio.

À comunidade escolhida que de certa forma me acolheu.

Aos meus queridos colegas de curso dos quais sentirei muitas saudades.

À Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO) que proporciona oportunidade para que sujeitos do campo tenham uma formação acadêmica.

RESUMO

Neste memorial relato um pouco da minha trajetória de vida. Nele consta meu sonho de estudar, como consegui conciliar estudo e trabalho na minha fase de adolescência. Trago um pouco também de como formei minha família e, na fase adulta, como consegui ingressar na Faculdade de Educação do Campo. Detalho um pouco também sobre meus trabalhos acadêmicos, as pesquisas por mim realizadas e como procedi diante do desafio de ser uma universitária. Realizo essas reflexões ancorada em teóricos como Almeida (2009), Brandão (1989), Freire (1996 e 1987), Fazenda (2008) entre outros. Espero que este documento seja útil para aqueles que pretendem ingressar numa faculdade e optem pelo memorial como trabalho de conclusão de curso além de mostrar como outras histórias de vidas e aproximam da minha.

Palavras-chave: Memorial. Educação do Campo. Pesquisa-socioeducativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 ENTRE O CAMPO E A CIDADE: OS APRENDIZADOS NA VIDA E NA ESCOLA.....	10
1.1 TRABALHO FAMILIAR E MIGRAÇÃO	10
1.2 PRIMEIROS PASSOS NA ESCOLA E PEQUENAS CONQUISTAS	15
1.3. ESCOLA, TRABALHO E CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA.....	21
2. INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR	25
2.1 CONSTITUINDO-ME EDUCADORA DO CAMPO	28
2.2 TEMPO-COMUNIDADE E TEMPO-UNIVERSIDADE: APRENDIZAGENS E SONHOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho reflito sobre minha trajetória de vida, desde a infância até a vida acadêmica no curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (LEPEC-FECAMPO/UNIFESSPA). Reflito sobre minhas experiências exitosas e não exitosas e os desafios vivenciados ao longo de minha história, descrevendo um pouco minha trajetória. Construo essa reflexão dialogando com alguns teóricos que nos foram apresentados ao longo dos quatro anos de formação. Além de ter esse objetivo de refletir sobre experiências auto formativas, o reminiscente memorial se constitui numa produção que é parte integrante das atividades exigidas para conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Quis tanto fazer um memorial que me deparei com um dilema: como poderei escrever sobre mim? Será que vou conseguir rememorar e refletir sobre as questões de fato importantes na minha formação? Como iniciar a escrita de um memorial?

Segundo Almeida (2009) o Memorial de Formação é um recurso que necessita muito da memória para se concretizar. Mas a memória não é confiável, às vezes é muito falha. Por isso espero ter alcançado pelo menos um pouco do que quis recuperar, travando uma luta contra o esquecimento que aflige a todos nós. Apresento resumidamente minha trajetória tentando não alongar muito para que o texto não se torne cansativo. Ao longo desse processo de escrita eu mesma fui me impondo limites, tendo o cuidado de dizer aquilo que convinha sem adentrar no que não podia dizer. Como afirma Almeida (2009):

É o próprio narrador de suas memórias que impõe os seus limites. E nem todos esses limites estão evidenciados em nós mesmos. Não sabemos nem conseguimos dizer tudo aquilo que gostaríamos de dizer; outras vezes há coisas que não quero dizer, que não posso, que não devo, que não querem que eu diga; outras, para as quais não chegaram ainda as condições de serem pronunciadas. Se isso parece ser verdade para qualquer escrita, o que diremos para um memorial. (ALMEIDA, 2009,p. 22).

No processo de rememorar, confrontar as lembranças e as sensações com o revivido no processo de escrita, ficou claro para mim que o Memorial de Formação é um “texto acadêmico autobiográfico no qual se analisa de forma crítica e reflexiva a formação intelectual e profissional, explicando o papel que as pessoas, fatos e acontecimentos mencionados exerceram sobre si” (PASSEGGI, 2010, p.1). Assim, nesse texto tento elaborar uma pequena explicação do motivo de minha opção pela escrita deste gênero textual como trabalho final do curso. É importante deixar claro aos leitores a construção de uma identidade minha nesse texto haja vista que

Como toda narrativa autobiográfica, o memorial é um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importante, ou interessantes, no âmbito de sua existência. (...) É uma marca, um sinal, um registro do que o autor considera essencial para si mesmo e que supõe ser essencial também para os seus ouvintes/leitores (PRADO; SOLIGO, 2004, p.6).

Para a produção desse memorial de formação, a partir das conversas e reuniões com minha orientadora, inicialmente realizei levantamento no repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso da FECAMPO onde encontrei TCCs, disponível em sua página de internet, que se assemelhavam a um memorial, estes mesmo me ajudaram muito em minha escrita. Procurei também em bases de dados como *google* acadêmico e repositórios de outras Universidades públicas. O objetivo desse levantamento era conhecer o gênero textual “memorial de formação”, linguagem, estrutura, bem como realizar levantamento de referências teóricas sobre esse gênero, tais como Almeida (2009), Brandão (1989), Martins (1980) Delgado (2010); e autores que refletem sobre educação e ensino de Língua Portuguesa, como Freire (1996, 1987), Frigoto (2009), Geraldi (2006) entre outros. Também fui orientada a assistir algumas defesas de TCC realizadas durante a Jornada de Defesas de TCC's da FECAMPO no ano de 2019. Assim, tive a oportunidade de assistir a defesa de minha colega de turma, Gláucia Helena, que apresentou o seu Memorial de Formação. Fiz levantamentos bibliográficos com textos lidos durante o curso e textos que me foram apresentados após a minha opção por esse tipo de trabalho final.

Este memorial está organizado em quatro seções. Na Introdução reflito sobre o próprio gênero textual “memorial de formação”, disponibilizando aos leitores algumas referências que me auxiliaram na definição deste gênero acadêmico. Na segunda seção apresento relatos sobre minha infância e início de meu processo de escolarização, trazendo relatos sobre o fato de eu ter crescido num território indígena e marcado por um conflito histórico, a Guerrilha do Araguaia, de relevância para todo o país sem, contudo, jamais ter refletido sobre esses marcos da cidade ao longo de minha formação na educação básica. Apresento ainda reflexões sobre meus primeiros anos na escola, o mundo do trabalho e a constituição de minha família. Na terceira seção dedico-me à reflexão sobre meu ingresso no ensino superior. Descrevo os trabalhos feitos no meu Tempo-Comunidade e Tempo-Universidade. Na quarta e última seção trago as expectativas quanto à minha profissão como Educadora do

Campo e concludo minhas reflexões quanto ao que aprendi e levarei comigo em minha futura jornada educativa.

1 ENTRE O CAMPO E A CIDADE: OS APRENDIZADOS NA VIDA E NA ESCOLA.

Neste capítulo apresento minha família, como chegaram à cidade de São Domingos do Araguaia-PA, a escolarização de meus pais e como me familiarizei com o fato de ter indígenas nas proximidades da cidade e ter havido uma Guerrilha como marco histórico na região paraense.

1.1 TRABALHO FAMILIAR E MIGRAÇÃO.

Sou Eliane Vieira dos Santos, filha de pai piauiense e mãe maranhense. Meus pais vieram morar no Pará em 1976 em busca de melhoria de vida. Segundo minha mãe, meu pai veio primeiro ver como era, depois voltou para buscá-la junto a meus três irmãos mais velhos. Toda a minha família morava em Cariri, município de Igarapé Grande no Maranhão. A família de meu pai mudou-se do Piauí para esta cidade e lá meus pais se conheceram e se casaram.

Escrevo este memorial como quesito formativo da LPEC, na perspectiva de rememorar meu passado, tomando consciência de alguns fatos vividos por mim e minha família e ter minhas próprias conclusões sobre os acontecidos. Espero que minhas reflexões contribuam para que outros educandos que ingressarão na formação para educadores do campo, na FECAMPO. Quantas perguntas surgiram durante essa escrita! Vi o quanto é difícil escrever sobre mim mesma, o quanto é complicado organizar os pensamentos que vêm se atropelando em nossa cabeça durante a escrita. Ainda bem que tive uma boa orientação quanto à escrita e elaboração do meu memorial.

Nasci no dia 05 de setembro de 1978, no hospital municipal de São Domingos do Araguaia, pequena cidade do interior do estado do Pará. Meu nome de batismo foi escolhido, segundo minha mãe, para combinar com o nome do primeiro filho que iniciava com a letra. “E” (Edimilson). Assim, o nome da primeira filha do sexo feminino iniciaria também com a mesma letra. Os outros rebentos têm nomes com letras iniciais diferentes. Cresci em um meio no qual não havia muito acesso à leitura. Sou a 5ª filha de 8 irmãos, dois deles já falecidos, um antes de mim e a caçula. No ano em que ela faleceu, eu tinha 8 anos de idade, a lembrança que tenho de minha pequena irmã era de uma criança doentinha.

Os relatos de minha mãe dão conta de que na época em que meus irmãos faleceram não havia hospital público na localidade onde vivíamos. A única clínica

existente no lugar era particular e meus pais eram muito pobres. Quando meu irmão faleceu, no ano de 1977, tinha apenas um ano e meio de idade. Segundo minha mãe as crianças morriam com frequência naquela época, muitas vezes não se sabia os motivos. Como a malária era recorrente na região durante aqueles anos, minha mãe acredita que esta tenha sido a causa da morte de meu irmão. Como não havia atendimento médico em hospitais públicos e nem remédios gratuitos, meus pais não tiveram condições de levar meu irmão para tratamento. Naqueles anos, o governo fazia descaso do povo que residiam naquela região, pois não se preocupava em proporcionar um atendimento gratuito de saúde para a população. Dá a entender que era, na verdade, estratégia governamental para que o povo se sentisse coagido e se submetesse aos caprichos do governo. Já minha irmã faleceu em 1986, com dois anos e um mês de idade. Algumas pessoas diziam que tinha sido tétano, mas minha mãe discorda, pois, segundo ela, minha irmã não tinha ferimentos e foi muito rápida sua morte. Minha pequena irmã começou a passar mal na madrugada, não deu nem tempo de levá-la à clínica, em poucas horas veio a falecer. Minha progenitora acredita que tenha sido coração, pois a falecida ficou com os lábios e unhas arroxeados.

A história das duas famílias é parecida. Trabalhavam em terras de terceiros, mas, segundo minha mãe, o que produziam na terra dos proprietários era para consumo da nossa família, não era dividido com o dono da terra. Meus avós maternos e paternos eram analfabetos, meu pai estudou apenas dois anos e aprendeu pouca coisa. Teve uma curta passagem pela escola. Naquela época, na década de 1960, não havia escola pública, as aulas eram pagas na localidade onde ainda moravam no estado do Piauí. Minha mãe estudou em escola paga pela prefeitura apenas um ano, no estado do Maranhão. Aprendeu a ler e a escrever pouca coisa. Seu sonho era estudar mais e ser professora, pena que o pai dela não a tirou para estudar fora, em outra cidade, e sua vida se resumiu em trabalhar no roçado mesmo depois de casada.

Antes dos meus pais virem para o Pará um cunhado de minha mãe junto a um compadre dele veio ver como era, pois já tinha ouvido falar das terras paraenses. Gostou do que viu e voltou para dar a boa notícia de terras férteis e trazer minha família. Neste tempo veio junto com meu tio outras famílias e minha avó materna com 9 filhos, ficando para trás minha mãe já casada e meu avô que só veio um ano depois. Segundo minha mãe, meu avô era delegado de um pequeno vilarejo chamado Santa Cruz, município de Lago da Pedra que ficava na beira do rio Timbira. Este foi o motivo de não vir junto com os outros.

De acordo com Martins (1980, p.137):

“Quando o presidente Garrastazu Médici afirmou, em depoimento dramático, que era preciso ocupar terras da Amazônia sem homens com os homens sem-terra do Nordeste, não disse nenhuma novidade para o lavrador nordestino”.

Acredito que este incentivo foi um impulso para que os migrantes viessem à procura de terras no Pará, tendo uma ilusão de terras fáceis e sem dono. Mesmo antes deste discurso proferido por Médici, em minha região de origem já havia muitos migrantes nordestinos e de outras regiões. Estes vieram se aventurar em terras desconhecidas, encontraram riquezas naturais e relatavam a parentes e amigos as facilidades dali fazendo com que estes viessem com suas famílias para esta região.

Assim como meus pais, muitas das famílias que viviam na cidade de São Domingos do Araguaia provinham de estados como Maranhão, Piauí, e outros estados além das cidades vizinhas. Assim como em sua cidade natal, meus familiares passaram a trabalhar em terras de outras pessoas, pois não tinham terras próprias. E, da mesma forma que no Maranhão, o que verídicos de produziam nas terras era para consumo próprio, sem precisar dividir sua produção com outros trabalhadores ou os proprietários das terras. Em uma conversa informal com minha mãe, descobri que as pessoas que trabalhavam nessas terras, assim como meus familiares, faziam derrubadas para seus roçados, colhiam e a terra usada e já limpa servia para o proprietário fazer pastos. Ou seja, meus familiares e os outros colonos que trabalhavam nestas ditas terras, sem ter noção do que significava de tanta bondade eram, de certa forma, explorados. O senhorio da fazenda usava a necessidade dos colonos para fazer serviços pesados braçais sem ter gastos por tais trabalhos e depois que não tinha mais o que derrubar, os dispensava e os trabalhadores eram chamados por outro proprietário para trabalhar da mesma forma em suas terras. Isso pra mim era trabalho escravo, pois exploram os trabalhadores em limpeza de terreno sem pagar por seus serviços.

Há informações importantes sobre a cidade de São Domingos do Araguaia, lugar onde minha família se estabeleceu, nasci e cresci, das quais só tomei conhecimento ao ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, pois nas escolas onde estudei jamais se falou sobre isto. No curso de Educação do Campo fiquei sabendo mais detalhes sobre a Guerrilha, coisas que as escolas não falam ou não podem falar. O curso nos dá a base para que possamos pesquisar, procurar entender

alguns fatos verídicos ocorrido em nossa região e nos posicionar diante deles. Por exemplo, além da Guerrilha do Araguaia, a constituição da minha cidade de origem sobre o território do povo indígena Suruí-Aikewara. Não sabia que aqui era território indígena e nas escolas não falam nada sobre isso, o que se fala em sala de aula é só o superficial, é só aquilo que o sistema quer que saibamos. Isso porque a intenção é de que fiquemos alienados pois se torna mais fácil nos manipular. A Guerrilha foi um fato histórico que deveria ser mais explorados por nós, residentes da região, mas de certa forma somos impedidos de tal ato.

Meus pais não sabiam, ao chegarem ao município de São Domingos do Araguaia, no ano de 1974, que ali fora palco de uma Guerrilha. Ouviam boatos dispersos sobre esse fato histórico que marcou nossa região, mas não sabiam muito sobre o ocorrido. Tenho a impressão de que eles não tinham o conhecimento aprofundado do acontecido uns anos antes porque não se informaram a respeito e nas conversas em casa não se falava do assunto.

Ainda enquanto criança eu ouvia histórias contadas pelos mais velhos da vizinhança sobre uma Guerrilha que ocorrera há alguns anos e que deixara sequelas irreparáveis. Falava-se de uma senhora chamada dona Joana que sofreu nas mãos dos guerrilheiros e vivia doente, com traumas permanentes. Somente muitos anos depois eu viria entender que aquelas histórias se referiam à Guerrilha do Araguaia. Mas o que foi a Guerrilha do Araguaia afinal? O que se sabe é que foi uma luta armada entre militares e guerrilheiros. Os guerrilheiros lutavam por uma vida melhor para todos.

Ocorrida na região norte do país, na tríplice fronteira entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins (à época, norte de Goiás) e organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) a guerrilha foi a principal forma de luta contra a ditadura vislumbrada por essa agremiação política, no contexto repressivo estabelecido a partir do golpe de estado que deu início ao último período ditatorial brasileiro (JUSTAMAND; MACHI, 2014, p.6)

Acredito que por medo de uma nova guerra, ou que os soldados voltassem e matassem quem falasse sobre o assunto, as pessoas da região pouco falavam sobre a guerrilha principalmente os que foram vítimas de torturas e perseguições. O medo ainda predominava. Ainda hoje tenho pouca propriedade para falar sobre esse assunto.

À época que ouvia os poucos relatos sobre esse tema eu era muito criança e não dava a devida importância às narrativas dos que viveram esse período em São Domingos do Araguaia. A Guerrilha era um tema superficialmente apresentado nas

disciplinas escolares ao longo de minha formação naquela cidade, nada aprofundado. Era como se estivéssemos em outro estado falando de uma cidade que não conhecíamos.

Outro aspecto importante da história de São Domingos do Araguaia e sobre o qual tive pouquíssimas informações, seja no ambiente familiar ou escolar, é sobre a presença indígena na cidade de São Domingos do Araguaia e o fato de a cidade ter se constituído dentro do território do povo *Suruí-Aikewara*. De acordo com Alencar (2018) esse povo vive em sete aldeias dentro da Terra Indígena (T.I.) Sororó, a qual está há a aproximadamente 50 km da cidade de São Domingos do Araguaia. “É coberta pela bacia Araguaia-Tocantins e tem uma área de 26.257 hectares, abrangendo os municípios de São Geraldo do Araguaia, São Domingos do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e Marabá” (ALENCAR, 2018, p. 83).

A T.I. Sororó é atravessada ao meio pela BR-153, que liga a Rodovia Transamazônica (BR-230), a cidade de São Geraldo do Araguaia. A Br-153 é a antiga OP-2, um ramal construído pelos militares em 1972 para facilitar os deslocamentos de tropa e de material destinado ao combate aos guerrilheiros do Araguaia (ALENCAR, 2018. p.83).

Os indígenas, segundo minha mãe, não eram de frequentar nossa cidade na época em que ela e meu pai vieram morar em São Domingos. De acordo com ela, os índios só passaram a ser vistos, em grupos, nas ruas da cidade a partir dos anos 1990 quando iam fazer compras. O preconceito da população contra os *Suruí-Aikewara* era nítido. As pessoas tinham medo deles e os comparavam a animais, diziam que eles comiam gente. Há pouco tempo eu soube que os indígenas também sofreram na Guerrilha. Calheiros (2015) trata sobre o que sofreram os *Suruí-Aikewara* na época da Guerrilha:

O fato detalhado: durante meses (entre 1972 e 1973) as imediações da aldeia foram utilizadas como ponto de apoio do esforço militar, homens Aikewara foram obrigados a servir de guias para as tropas e a realizar serviços forçados – como carregar munição, alimentos e corpos-, mulheres e crianças foram mantidas em cárcere privado dentro de suas malocas, impedidos de sair para buscar comida, de se banhar nos rios-dependiam das razões oferecidas pelo exército. (CALHEIROS, 2015, p. 2, 2015).

São tantos fatos importantes que não nos atentamos ou nos privaram de conhecer a história e só depois de um tempo é que passamos a saber algo sobre os acontecimentos.

1.2 PRIMEIROS PASSOS NA ESCOLA E PEQUENAS CONQUISTAS.

Cresci numa família cujos pais eram semianalfabetos e não tinham tempo nem condições de me alfabetizar em casa. Meu pai, piauiense, lavrador, negro, tinha seu tempo dividido entre a roça e a cidade e minha mãe, maranhense, parda, trabalhava na cidade como zeladora de açougue contratada pela prefeitura. Além desse serviço, ela também lavava roupas para algumas famílias. Esse era o nosso ganha-pão. Em minha certidão de nascimento sou parda, nunca me atentei aos significados que isso pudesse ter. Depois de um tempo entendi que ser “parda” era uma forma de racismo, pois na realidade, não existe essa cor, então eu sou negra. Sobre meu pai ser negro, houve momentos de racismo por parte de algumas pessoas que se consideravam superiores por causa da cor de pele, eram brancas. Na rua em que eu morava, mudaram para lá, vindos de outro estado, uma família que era composta por pessoas de cor de pele branca. Estes nos olhava com desprezo por causa da cor da pele, algumas vezes até insultavam, mas com o tempo, acredito que caíram em si ou talvez, passaram a nos “tolerar”. Não foi algo de agressão física, mas muitas vezes as palavras machucam mais que a própria agressão e talvez por ser criança naquele tempo, eu não ligava para tais fatos medíocres e éramos tratados igualmente, pelo menos entre nós, crianças da mesma época. Não havia preconceito visível. Ribeiro(2019) alerta sobre o fato que a cor de pele não deveria ser problema:

O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso - se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude (RIBEIRO, p. 13, 2019).

Hoje vejo que as escolas deveriam trabalhar a igualdade entre as crianças, mostrar que cor não faz ninguém diferente de ninguém e que somos todos iguais independente de qualquer coisa.

O semianalfabetíssimo de meus pais não atrapalhou de me repassar valores e ensinamentos que trago até hoje comigo como respeitar os mais velhos, dar valor ao que se tem, pensar sempre no outro, não passar no meio das pessoas quando estavam conversando, rezar e pedir a bênção, entre outras. Antes da energia elétrica chegar aqui na região os mais velhos sentavam-se à tardinha na porta de suas casas para conversar, relembrar o passado e ensinar brincadeiras que fizeram parte da infância deles para nós. Era muito gostoso. Lembro das procissões que tinham naquele tempo, dos terços rezados nas casas de vizinhos e parentes, coisas que os adultos faziam e

levavam as crianças para aprenderem, era uma herança que ficaria de pai para filho, neste tempo eu era criança ainda, só ia para brincar com as outras crianças, às vezes recebia um beliscão para ficar quieta e prestar a atenção nas orações e depois da reza, os adultos sentavam-se e conversavam por horas, e nós, crianças, aproveitávamos para brincar. Sena e Alencar (2014), referem que:

Assume-se aqui a postura de que não há *um* letramento, mais sim práticas de letramento que se dão nas interações sociais; práticas que “incorporam não apenas eventos de letramento, ocasiões empíricas integradas pela escrita, como também ‘modelos populares’ destes eventos e as pré-concepções ideológicas que lhes são subjacentes”. (L,R. de Sena; M.C. Alencar, p.01, 2014.)

Pelo que recordo, minha infância foi muito boa. Em minha rua havia crianças de minha idade, algumas mais novas outras mais velhas, que brincavam de todo tipo de brincadeira. Brincadeiras essas que eram ensinadas por nossas mães como ciranda, bambaquinho, brincadeira do passa anel entre outras. Além das histórias que nos eram contadas pelos mais velhos em uma roda de conversa ou perto de uma fogueira, pois não tinha eletricidade naquela época. Na nossa rua morava a Rita¹ a qual era para nós uma espécie de irmã mais velha que gostava de brincar com a gente. Ela inventava brincadeiras como ser nossa professora, nossa mãe, inventava tanto tipo de brincadeira que envolvia todas as crianças da rua. Até as crianças das ruas vizinhas vinham brincar conosco. Já fomos Paquitas da Xuxa, índios, pulávamos carnaval. Era maravilhoso esse tempo, pena que passa. Ela era uma espécie de ícone para nós.

Nessa época de brinquedos e brincadeiras estava em alta a extração de madeira em nossa região. Os pedaços pequenos que os donos descartavam se transformavam em carvão para as famílias ali residentes. No decorrer do tempo, as serrarias foram fechadas e o desmatamento tornou-se crime. Os pedaços de madeira antes descartados pelas serrarias transformavam-se em carvão e conseqüentemente, a poluição do ar se alastrava devido à queimada das caieiras e dos terrenos onde se retiravam as madeiras na intenção de fazer roças ou pastagens, pois quando havia a retirada faziam grandes queimadas para limpar o terreno. Meus pais foram um dos que reaproveitaram aquelas reduzidas partes de árvores. Nós, como ainda éramos crianças, usávamos aqueles ínfimos pedaços para inventar brinquedos, fazíamos miniaturas de

¹ Hoje ela também é aluna do curso de Licenciatura em Educação do Campo da turma de 2018.

casinhas, currais, carros, tudo o que a imaginação criasse. Ali, aprendíamos uns com os outros a montar, criar e recriar, construir nossos próprios brinquedos.

É interessante como naquele período eu não me dava conta do que significava a existência de tantas serrarias na nossa cidade: poluição, males para a saúde, além do crime ambiental que era cometido tanto contra a vegetação nativa como contra os animais.

Fui crescendo e chegou o tempo de estudar. Via meus irmãos mais velhos indo para a escola e tinha muita vontade de ir também. Meu sonho era estar em um ambiente de aprendizado. Pedia à minha mãe, mas ela tinha medo, pois eu era muito magrinha, pequenina, raquítica como diziam. Não fui diagnosticada como uma criança raquítica, mas minha mãe assim me definia porque eu crescia e engordava pouco. Naquele tempo não tínhamos acesso à consulta médica, pois não havia atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), as consultas médicas eram particulares e minha família não tinha dinheiro para me consultar e para tratamento. Acredito que eu só era desnutrida mesmo ou não teria me desenvolvido fisicamente sem tratamento algum com o passar dos tempos.

Eu achava bonitas as crianças a caminho da escola, todas com um caderno na mão, olhar de esperança para um futuro melhor; queria também poder sentir aquilo. Foi no ano de 1987, quando eu tinha oito anos de idade, que finalmente realizei meu desejo depois de muita insistência da minha parte. Foi minha maior felicidade. José Luís Cláudio era o nome da escola pública onde fui estudar. O material escolar de uso individual das crianças era fornecido pela prefeitura. Lembro-me muito bem do pequeno caderno brochura, capa mole, o lápis preto e a borracha branca. Nossa! Aquele singelo material era algo precioso! O cheiro de material escolar novo era bom. Minha dificuldade de aprendizagem foi enorme, não conseguia acompanhar o raciocínio dos outros alunos.

Quantas vezes fui chamada de burra tanto por meus colegas de escola como por meus próprios irmãos! Fiquei com certo trauma dessa palavra, até hoje não gosto de ouvi-la, mesmo em tom de brincadeira. Inúmeras vezes fui caçoada pelos meus colegas de sala por não saber e não decorar a carta de ABC. Hoje sei que “A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto” (FREIRE, 2011), mas minha experiência naquele momento era de um processo de ensino-aprendizagem no qual não se levava em consideração essa hipótese; o que eu sabia não importava, o que valia era o que precisava saber sob os olhos da escola.

Apesar desse tipo de experiência, tenho boas lembranças de professoras que fizeram parte da minha alfabetização como a professora Georgete, da 2ª série, e Aldeídes, da 3ª série do Ensino Fundamental. A primeira contribuiu muito em minha caminhada pela aprendizagem. Com ela pude desenvolver um pouco a leitura. A nossa sala de aula da 2ª série era organizada por nossas cadeiras enfileiradas e a mesa da professora, perto da porta, de frente para nós. Os livros com os quais tínhamos contato eram os que a professora trazia de sua casa e os livros didáticos que recebíamos. Não era uma sala de aula atraente para crianças. As paredes eram limpas, não havia cartazes coloridos, com desenhos ou com as datas dos aniversários dos alunos. Tinha um quadro negro a giz que era usado para escrita dos conteúdos pela professora e nós copiarmos em nossos cadernos.

Repeti a 2ª série por não conseguir acompanhar os outros alunos da turma. Segundo dona Georgete, se me aprovasse eu teria muita dificuldade nas séries seguintes. Recordo com alegria uma aula muito boa com essa querida professora. Certo dia ela nos levou para sua casa e nos ensinou a fazer coxinhas de macaxeira. Ela nos dividiu em grupos para ajudarmos a fazer o salgado. Algumas crianças ficaram com a parte de descascar e colocar as macaxeiras para cozinhar, outros para cortar temperos para a carne do recheio, um grupo para preparar a massa e todos os alunos juntos na hora de dar forma às coxinhas, tudo acompanhado de perto pela professora.

Não lembro se a ocasião era especial, mas para nós, pra mim particularmente, foi muito especial. Não sei dizer se esse momento foi importante pelo fato de ter comida pelo meio (pois criança gosta de comer!) ou por causa da ousadia da professora de sair da sala de aula e nos tirar um pouco da “educação bancária” (FREIRE, 1987), uma educação voltada somente para sala de aula onde os alunos sentavam em fileiras e apenas reproduziam o que o professor ordenava; uma educação pautada no “ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos” (FREIRE, 1987, p.59). Aquele momento foi uma superação dessa forma de educação. Superação a que me refiro seria a de professores que fazem como minha professora primária que ousou, ainda que apenas uma vez, inovar, provocar os alunos a desafiarem suas capacidades, sua inteligência.

Os professores, muitas vezes, recebem das Secretarias de Educação conteúdos de ensino prontos para serem ministrados em sala de aula. Isso não acontece só no lugar onde moro. Em minha formação no curso da Educação do Campo, no diálogo com colegas de várias regiões do estado do Pará, pude perceber

que isso acontece em todo lugar. E, mais triste, nas descobertas feitas nesses diálogos foi saber que alguns professores não procuram inovar, arriscar algo diferente. A professora Georgete arriscou naquele dia. Só sei dizer que foi uma aula maravilhosa, talvez por nos mostrar que não havia diferença entre todos nós alunos, que podíamos ser todos iguais e compartilhar da mesma vivência sem restrição de posição social, cor ou facilidade de aprender mais rápido que outros, sem preconceito de nada.

Na série seguinte, 3ª série, a professora Aldeídes deu continuidade ao que aprendi com dona Georgete. As duas foram professoras que se preocuparam com a aprendizagem dos alunos, apesar de muito presas às didáticas dos livros, pois precisavam seguir o que estava ali escrito. Não sei dizer que tipo de formação elas tiveram, nunca tive a curiosidade de saber e não as vi mais.

Eu era uma aluna muito esforçada. Tinha muita vontade de aprender a ler. Com as tarefas de casa, porém, eu não tinha quem me ajudasse. Às vezes eu recorria a uma prima mais velha para me ajudar, algumas vezes ela me ajudava, outras vezes não dava, pois ela trabalhava. Meus irmãos mais velhos, envolvidos com suas próprias atividades escolares, não podiam ou não queriam me auxiliar.

Éramos muito pobres e em casa não havia um lugar para estudar. Lá os materiais disponíveis para leitura consistiam nos livros escolares meus e de meus irmãos e algumas revistas que às vezes encontrava nos quartos deles. Em nossa casa circulava pouco material escrito. Acredito que devido ao pouco acesso que meus pais tiveram à escola, não tinham consciência da importância de se ter em casa livros e coisas que pudessem nos chamar a atenção para ler e desenvolver nosso interesse escolar. Aliado a isso, é possível que também não tivéssemos recursos financeiros, pois era necessário em primeiro lugar garantir o alimento, a roupa, os remédios.

Além do contato com a escrita na escola eu também acompanhava meus pais em atividades na igreja ou nos trabalhos que realizavam. Minha mãe já foi cozinheira para as participantes do Sindicato das Mulheres de São Domingos, ela dizia que não sabia do que se tratavam as reuniões do Sindicato, pois ficava na cozinha e era difícil ir à sala em que se reuniam. Também era cozinheira para os participantes das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Durante minha infância e adolescência eu acompanhava meus pais nas missas dominicais que havia na igreja matriz de São Domingos e nos festejos em homenagem ao padroeiro da cidade que a igreja católica organizava. Dos doze para treze anos fiz minha primeira eucaristia.

Foi com meu irmão mais velho que aprendi a apreciar o que considero boa música. Ele só conseguia se concentrar em seus estudos ouvindo músicas, de preferência Raul Seixas, Zé Ramalho, muitas outras de MPB e Rock brasileiro. Foi escutando o que meu irmão ouvia, prestando atenção nas letras das músicas que passei a gostar desse estilo musical.

O meu segundo irmão mais velho, cujo apelido era Zico, porém não desenvolveu uma estratégia particular para estudar e desistiu dos estudos depois de algum tempo na escola. Ele repetiu duas vezes a primeira série e duas, a segunda série. Passou a acreditar que era burro e parou de frequentar a escola. Zico dizia que dos conteúdos ensinados pelos professores nada entrava na sua cabeça. Ele não tinha ciência que todo mundo sabe de alguma coisa, ninguém é burro e cada um carrega consigo algo de precioso para ensinar. Minha mãe ainda insistiu para que ele continuasse a frequentar a escola, mas ele se recusou a continuar. Passou a trabalhar na roça com meu pai em lavouras e roçados, meu pai fazia farinha de puba e meu irmão se tornou perito nas farinhadas. Sena e Alencar em seu artigo sobre Letramento (2014) refletem que:

Aos sujeitos que não alcançam as habilidades previstas pela escola é imputada a responsabilidade pelo fracasso escolar, sendo estes, em sua maioria, pertencentes ao grande grupo de pobres e marginalizados nas sociedades tecnológicas (SENA; ALENCAR, p. 6. 2014).

Se meu irmão fosse analisar o que ele sabia e aprendeu a fazer, não se diminuiria tanto e veria que, assim como aprendeu a mexer com farinhada que tem todo um processo, aprenderia também qualquer outra coisa que se disponibilizasse a fazer e que ele sabia ler, não textos ou outras coisas escritas mais complexas, mais sabia ler as pessoas, o mundo. Ninguém é burro, todo mundo sabe alguma coisa que outros não sabem.

Meu pai, depois de muito tempo de luta nas terras alheias, conseguiu comprar seu tão sonhado pedacinho de terra na Vicinal Água Fria. Uma pessoa que tinha conseguido esse pedaço de terra durante uma invasão, decidiu vender e meu pai não perdeu tempo em adquiri-la. Só assim passou a trabalhar em seu próprio pedaço de chão. Em sua propriedade passou a fazer várias plantações além da mandioca para fabricação de farinha. Nesse tempo, minha mãe já não trabalhava mais pela prefeitura, seu contrato tinha terminado e ela passou a dividir seu tempo entre a roça e a cidade, principalmente em tempo de colheita.

1.3. ESCOLA, TRABALHO E CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA.

No ano de 1992 passei para a 5ª série e fui estudar em outra escola, na Escola Estadual Profª Elza Maria Corrêa Dantas. A escola tinha esse nome para homenagear uma professora da cidade que havia morrido de acidente aéreo. Acostumar-me com o novo era algo difícil para mim. A adaptação em um ambiente desconhecido foi difícil. Ainda quis voltar para minha antiga escola, mas não podia mais. O jeito foi ficar e me acostumar. Depois de um tempo a Escola Elza Dantas passou a ser a única Escola Estadual da cidade e todos os alunos tinham de passar por ela. Não havia outra escola na cidade que oferecia Ensino Médio, só nas cidades vizinhas e para sair seria impossível.

Nessa época eu tinha quase 14 anos de idade e estava trabalhando como doméstica na casa de um casal de idosos. Eu havia começado a trabalhar lá do final do ano de 1991 e fiquei nesse trabalho por dois anos. Trabalhava no período da manhã e ia para a escola à tarde. O senhor era seu José, um homem robusto que tinha uma oficina ao lado de sua casa e a dona Jovina, uma senhora muito alegre, cheia de vida que gostava muito de animais. O quintal deles era enorme e nele criavam porcos, galinhas e uma anta, além de cachorros de estimação. Eu limpava a casa, as louças e lavava algumas roupas além de passá-las, claro, com a ajuda de outra moça. Era Francisca, mais conhecida por Pita. Ela precisava de um lugar para ficar e estudar. Não sei dizer ao certo se os pais dela moravam na roça, era algo assim. Pita estudava o Ensino Médio no Elza Dantas no período noturno e durante o dia dividíamos o serviço da casa. Saímos as duas na mesma época da casa da dona Jovina, não lembro mais o motivo.

Comecei a trabalhar bem cedo para ajudar meus pais com as despesas de casa. Tive que me adaptar com a divisão do tempo entre escola e trabalho. Não era um emprego formal, afinal eu era menor de idade. Aquele trabalho era uma “ajuda” para minha família. Minha patroa, quando viajava trazia presentes para nós, gostava de nos “mimar”. Ou talvez era uma forma de nos manter trabalhando com ela, de ter sempre uma companhia já que na casa só morava ela e o esposo; os filhos já eram casados e moravam em cidades diferentes. Foi neste trabalho que aprendi a cuidar de uma casa. Coisas que não sabia aprendi nas casas onde trabalhei como engomar roupas, cuidar da limpeza de uma casa. As atividades domésticas que eu não sabia fazer aprendi lá, exceto a comida, a qual a dona da casa mesma fazia, mas mesmo assim tinha a curiosidade de observá-la fazendo o preparo dos alimentos e aprendi algumas coisas só observando. Já ouvi essa frase em algum lugar “a necessidade faz o trabalhador”, assim me fiz. Vendramini, Marcassa, Titton e Conde (2017) dizem que:

[...] a juventude é mais do que uma etapa da vida ou potencialidade rebelde, é uma forma de pronunciar-se diante do processo histórico. Ela é síntese das múltiplas determinações sociais e, por isso, expressa na sua particularidade os desafios que a totalidade das relações capitalistas imputam aos seres humanos em determinado momento de suas vidas e no interior de suas classes sociais. (VENDRAMINI et al. p. 21, 2017)

Eu me pronunciei, como afirmam os autores, começando entrar para o mercado de trabalho muito cedo. E, a violência do capitalismo e a minha classe social me impulsionaram a ajudar meus pais em casa. Por sermos de classe social baixa nós (filhos) tínhamos que ajudar a colocar comida dentro de casa.

Um dia arrumando uma casinha no quintal dessa casa onde eu trabalhava encontrei algumas revistas antigas, entre elas, revistas de telenovelas e romances. Depois que descobri esse lugar secreto nas minhas horas de folga ia para lá e lia as revistas. Acredito que li todas e que desenvolvi minha vontade de ler a partir dessa descoberta. Após isso comecei a ler romances e gostei. Minha cunhada costuma dizer que esse tipo de texto é “água com açúcar”, pois são histórias melosas. Nos romances sempre o mocinho e a mocinha sofrem toda a história, mas no final ficam juntos. Não lembro ao certo quantos romances li, mas foram vários. Minha patroa sabia que eu lia esses livros, às vezes quando eu sumia, ela sabia onde me encontrar. Na casa dela havia outros livros e revistas na estante. Ela não se importava que lêssemos, não chegava a oferecer, mas também não nos proibia. Mas eu preferia os livros da casinha, não sei se porque para mim eram novidade ou se os textos me chamavam mais atenção.

Não sinto que fui explorada pelos meus pais porque eu não saí da escola para trabalhar e tinha tempo de fazer as atividades escolares. Trabalhava para ajudá-los, pois nossa condição financeira era muito “fraca”. Hoje percebo que se as condições fossem outras, talvez eu não teria tantas dificuldades em minha aprendizagem. Como minha trajetória escolar foi atrelada ao trabalho, as vezes penso que se as condições fossem outras, talvez teria tido tempo para me dedicar mais e melhoraria na escola tanto nas notas escolares como no desempenho cognitivo. Talvez assim tivesse conseguido mais êxito na Universidade. Mais isso são só especulações. As outras pessoas que não precisavam trabalhar, se dedicavam só aos estudos, eram bem vistas, eram “inteligentes”, conseguiam fazer as tarefas propostas sem grandes dificuldades e até na vida profissional, algumas, depois de adultas, foram bem sucedidas. Frequentaram boas Universidades e trabalham naquilo que escolheram.

Conciliar trabalho com estudo foi muito complicado na minha jornada, pois tinha que fazer minhas atividades escolares e dar conta do trabalho, apesar de minha patroa não se importar quando tínhamos de parar o serviço para fazermos nossas tarefas escolares. O aprendizado nesta faixa de idade e tempo escolar eram prejudicados pelo tempo dedicado ao trabalho e, de alguma forma, isso atrapalhava na minha aprendizagem mesmo eu achando que não naquela época.

No ano de 1994, após algum tempo sem serviço, minha mãe arrumou um trabalho para mim na casa de um casal que só tinha um filho, fui indicada por minha patroa anterior. O serviço era quase o mesmo da casa anterior, eu dava conta. E como na casa anterior, eu também trabalhava pela manhã e estudava à tarde. A mulher era muito insegura com o marido, vivia em crise, suspeitava que ele tivesse amantes (e tinha). Acompanhei durante 6 meses esse sofrimento, até que se separaram e fiquei sem emprego novamente. Passei a ajudar minha mãe em casa nas lavagens de roupas além de continuar estudando. Era minha rotina.

Meus irmãos mais velhos também trabalhavam fazendo “bico”. O mais velho trabalhou numa serraria por um tempo, quando saiu do emprego, trabalhou ainda em um posto de gasolina e seu emprego seguinte foi em uma movelaria. O outro irmão trabalhou de ajudante de pedreiro quando ficava na cidade, quando parou de estudar, passou a trabalhar na roça. Havia dias ou semanas que minha mãe precisava ajudar meu pai na roça. Eu e meus outros irmãos ficávamos em casa na cidade, pois ainda estava em período de aulas. Nós não estudávamos na zona rural por causa da má fama de ensino que havia dos educandos e educadores das escolas rurais. Dizia-se que quem estudava em escola da zona rural não aprendia nada e os professores eram vistos como maus docentes, não sabiam dar aulas. Sem contar o difícil acesso para chegar à escola. Hage(2006) diz:

De fato, estudar nessas condições desfavoráveis não estimula os professores e os estudantes a permanecer na escola ou sentir orgulho de estudar em sua própria comunidade, fortalecendo ainda mais o estigma da escolarização empobrecida que tem sido ofertada no meio rural e incentivando as populações do campo a buscar alternativas de estudar na cidade como solução dos problemas enfrentados (HAGE. p. 6.2006)

Assim, ficávamos na casa na cidade para estudar. Meu irmão mais velho era o responsável por nós. Éramos cinco no total, com idade entre sete e 18 anos (idade do mais velho). Nas férias, íamos todos para a zona rural, para roça do meu tio. Lá sim, era um lugar de verdade para se ficar. Na roça, a criança tem uma infância de verdade,

pois tem espaço para brincar e vê brinquedo em tudo, de um melãozinho São- Caetano ou manga verde pecada fazíamos gado, talos de mamona viravam bonecas com belas cabeleiras, um cipó virava um balanço e assim por diante. Eu tenho comigo a ideia de que criança que nunca foi numa roça não sabe o que é liberdade, não sabe o que é ter infância de verdade. Só o fato de ter contato diretamente com a terra e respirar ar puro é saudável.

Nos anos de 1994 eu era uma adolescente inconsequente. Gostava de ir para as festas dançar, me divertir e foi numa destas que conheci meu esposo. Isso aconteceu em meados do ano de 1994. Namoramos por algum tempo até que decidi morar com ele. Como sabemos “a juventude é um período da vida em que o sujeito jovem se vê com muitas indecisões e, ao mesmo tempo, tendo que assumir responsabilidade” (CALDART, PALUDO, DOLL, 2006, p. 101).

Quando somos adolescentes acreditamos saber de tudo, que somos donas do mundo e que só nós estamos certos. Não pensamos nas consequências que têm nossas escolhas. Com essa escolha tive de assumir responsabilidade. Em março de 1995 engravidei e tive Ályce, minha primogênita, no mês de dezembro. Nesse período, assim que descobri que estava grávida, parei os estudos por vontade própria, estava cursando a 8ª série e fui morar na roça, pois meu esposo trabalhava na zona rural. Fiquei cinco anos sem estudar. Em 1998 nasceu Alisson, meu segundo filho, e continuei morando na roça. As crianças não tinham o que dizer sobre o fato de não terem espaço para brincar ou não terem uma infância digna de qualquer criança, pois o tiveram.

No ano 2000 precisava colocar os meus filhos para estudar e migrei para a cidade em busca de educação para eles. Neste mesmo período voltei a estudar, retornei numa turma mais jovem com rostos desconhecidos. Para mim, tornou-se mais difícil a vida escolar com duas crianças, mas minha vontade de prosseguir os estudos era maior e ia continuar. A oferta do ensino médio, na época em que desisti dos estudos, era realizada na escola Elza Dantas por meio de cursos técnicos como Magistério e Contabilidade. No ano em que voltei era ofertada formação generalista nas turmas de Ensino Médio com duração de três anos, e, segundo a escola, você já saía preparado para o mercado de trabalho. Também havia turmas do Ensino Normal (antigo Magistério) com duração de 4 anos, o aluno seria preparado para ser docente. Optei pelo Ensino Normal, pois queria ser professora.

Ao retornar, matriculei-me para cursar o ensino médio no período noturno. Arrumei um trabalho de doméstica na casa de uma família que ficou só um ano em São Domingos do Araguaia, pois tinha uma madeireira na cidade e o meu patrão trabalhava nela, ele transportava madeira para essa madeireira. Nesse período, quando eu ia trabalhar e estudar, minha mãe olhava meus filhos pequenos. Se meu marido estava em casa, ele cuidava das crianças. Graças a Deus, tinha-os para ajudar em minha caminhada, não tenho do que reclamar.

No último ano do ensino médio, para completar nosso currículo, precisávamos fazer um estágio supervisionado nas escolas municipais do 1º ao 5º ano, tínhamos que observar os professores e alunos na sala de aula e preencher fichas, ter documentos assinados por representantes da escola. Mas no momento em que um professor das séries iniciais descobria que teria estagiários em sua sala, “um corpo estranho”, muitos deles davam-nos uma opção: assinavam todos os papéis de que precisássemos sem precisar que fôssemos à escola, pois podíamos atrapalhar a aula.

Estaria mentindo se afirmasse que não aceitei essa opção. Como só eram documentos a serem entregues, assim eu avaliei naquele momento, tornava-se fácil. Vejo agora que foi um erro. Hoje avalio que eu deveria ter estagiado como mandava o currículo escolar. Analiso junto a Junior, Rubio e Matumoto que “ a mesma ética que conduz o exercício profissional de alguém também pede uma análise crítica sobre as próprias ações. Uma postura ética na docência demanda ações reflexivas no cotidiano, as quais terão reflexão na formação do aluno” (JUNIOR; RUBIO; MATUMOTO, 2009, p. 3).

Nesse estágio eu aprenderia como me portar numa sala de aula e isso me ajudaria quando fosse frequentar uma faculdade, pois o curso superior exige isso. E foi justo na faculdade que me dei conta do meu erro. O estágio, no meu curso de Magistério, seria em escolas primárias e escolhi uma instituição em que minha cunhada trabalhava. Isso tornaria mais fácil ainda conseguir tais documentos assinados. Agi errado ao aceitar tal facilidade, pois isso só prejudicaria minha jornada na área da educação, mas pra mim, na época, era melhor, era o mais fácil a se fazer, poupar esforços. O professor que assinou minhas fichas, certamente, feriu a ética profissional. A conduta coerente com o exercício da sua profissão de educador exigia que ele me oportunizasse observar suas aulas, pois aprenderia algo com ele; aprenderia como um educador deve agir diante de algumas dificuldades, aprenderia como lidar com os desafios do cotidiano na relação docente-discente e mais coisas que não me

foram apresentadas na época. Junior, Rubio e Matumoto (2009, p. 08) afirmam que “aquele que não acredita na mudança não poderia estar em sala de aula com a responsabilidade da educação”. No meu entender, o docente não queria inovar por isso não me permitiu estagiar.

No ano de 2001, precisamente no mês de Abril, faleceu minha sogra, um exemplo de força e coragem feminina a ser seguido e no mesmo ano, no mês de Setembro, nasceu meu terceiro filho, Alify. Este foi praticamente criado na cidade, só no período das férias passava um tempo na roça. Uma das minhas cunhadas montou uma escolinha de reforço e passei a trabalhar com ela no ano de 2002. Mais uma vez tive que conciliar trabalho com estudo. Meus trabalhos e atividades escolares ficaram mais complexos e meu tempo era limitado. Muitas foram as vezes em terminei as atividades na sala de aula ou praticamente dormindo em cima do caderno. Mas, enfim, consegui terminar o ensino médio e passei a trabalhar na escolinha de reforço. Meu trabalho consistia em ajudar as crianças que tinham dificuldades em sala de aula, reforçando nas disciplinas em que os alunos achavam complicadas e alfabetizá-las, além de ajudá-las em suas atividades escolares.

Ao aceitar o convite de minha cunhada para trabalhar com ela na escolinha de reforço eu não fazia ideia do que fazer, pois nunca tinha trabalhado em sala de aula antes. Foi com ela e os meus alunos que aprendi como me portar numa sala de aula, aprendi como trabalhar a partir da necessidade de cada um. Passei a estudá-los e entender o porquê de suas dificuldades para então ajudá-los. Até hoje aprendo com cada caso, com a diversidade dos alunos e a particularidade de cada discente que passa por mim. Paulo Freire (1996) explica em *Pedagogia da Autonomia* que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.16.).

Tento fazer assim, usar a sabedoria que cada um tem consigo para ajudá-los, trabalhar seus saberes em favor deles mesmos sem fugir dos conteúdos propostos. E precisamos ter consciência como docente que não existe professor sem aluno, pois são com eles que aprendemos e ensinamos. É um relacionamento de reciprocidade. Assim,

[...] não se compreende a prática docente sem o discente, que o processo de ensino-aprendizagem passa pelo reconhecimento das duas partes envolvidas - docente e discente - e que os dois aprendem e ensinam ao mesmo tempo, quando inseridos em um processo ético (JUNIOR; et al, 2009, p. 5).

Logo que concluí meu ensino médio tive muita vontade de cursar um Ensino Superior, mas em minha cidade só há faculdades particulares e os cursos eram- e são- muito caros, meu dinheiro nunca dava. Também tinha em mente que não daria conta de uma faculdade porque avaliava como precária a minha formação escolar. Como lembram Vendramini, Marcassa, Tilton e Conde (2017) sobre os jovens do campo:

Sobre a continuidade dos estudos, observamos que a Universidade é algo distante da realidade da maioria, até pensam em cursá-la, mas sem planos concretos de acesso, em muitos casos sem definições por área ou curso, sem expectativa de serem aprovados, especialmente em Universidades públicas. (VENDRAMINI et al, 2017, p. 17.)

Depois de um tempo percebi que não adianta a pessoa estudar nas melhores escolas que existam, se não tiver interesse e dedicação nunca será o suficiente, sempre estará faltando alguma coisa. Fui uma dessas pessoas que não acreditava que pudesse um dia dar continuidade aos estudos e, junto a muitos colegas, somos provas que qualquer pessoa pode fazer uma faculdade se acreditar.

2. INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo trago relatos e reflito sobre como tomei conhecimento da Faculdade de Educação do Campo e meu ingresso na Universidade. Reflito sobre como me sentia acolhida e contemplada com aulas inesquecíveis além de trabalhos que nos fizeram conhecer lugares, nossa própria comunidade e as pessoas residentes nela.

2.1 CONSTITUINDO-ME EDUCADORA DO CAMPO

Conheci o curso de Educação do Campo através de minha sobrinha que ingressou em 2011 na LEPC-UNIFESSPA. No ano de 2014, um primo do meu esposo me avisou que estavam abertas as inscrições para o processo seletivo da LPEC e pedi para minha filha fazer minha inscrição. Mãe e filha inscritas, pois ela também quis fazer o seletivo. A prova foi um pouco difícil. Mas graças a Deus, consegui realizar meu sonho. Quando veio a lista dos aprovados, meu nome estava lá.

Ao saber do resultado fiquei em dúvida se cursaria ou não a faculdade, pois no período de férias eu trabalhava na papelaria do meu compadre, era um recurso extra que ganhava todo início de ano e se fosse estudar, teria que parar de trabalhar naquele período, pois as aulas seriam no mesmo tempo. Ponderei várias coisas naquele momento, como a falta que aquele dinheiro extra me faria, o apelo vindo de minha mãe, Gracinha, e minha prima, Nilde, me incentivando a cursar a faculdade. E decidi estudar.

Enquanto isso, não tinha surgido o nome de minha filha na lista dos aprovados. Ela tinha ficado na repescagem. Foi depois de uma semana de aula que decidi ir ao auditório do Campus 1, providenciei os documentos necessários e fiz minha matrícula. No auditório, numa sexta feira, saiu a lista dos alunos chamados para preencher as vagas restantes e o nome da minha filha estava entre eles. Foi uma grande felicidade para mim, só o fato de mãe e filha frequentarem o mesmo curso seria maravilhoso, realização dupla pois o sonho de toda mãe é ver um filho formado numa faculdade, imagine as duas (mãe e filha) cursando o mesmo curso, é uma festa. Foi com grande felicidade que informei à Ályce que ela também iria estudar numa Universidade Federal. Ela ficou sem acreditar e muito feliz. Organizou os documentos pedidos e se matriculou.

Nesse curso descobri que não era só eu que tinha uma filha como companheira de estudos havia outras pessoas com filhos, irmãos, parentes. A partir daí vi que o curso era uma grande família que estava sendo formada. Como a turma na

qual ingressei no ano de 2015 era enorme, 120 alunos, foi dividida em três turmas de 40 alunos cada.

Pensamos que nossa vida foi mais difícil que das outras pessoas, que só nós passamos momentos difíceis, que faltou o alimento na mesa somente da nossa casa e a vida do vizinho era sempre melhor. Quando nos deparamos com a disciplina História de Vida e ficamos conhecendo a história de alguns colegas de curso, ficamos sabendo que muita gente passou por algo parecido ao que nós vivemos, que independente do lugar em que moramos, a vida, de certa forma, se repete de uma forma ou outra. Afirmando isso porque os relatos dos meus colegas, em vários momentos do curso, destacavam pobreza, as lutas por terra, educação precária, etc. As pessoas que estavam cursando ou cursam a LPEC-UNIFESSPA geralmente são filhos de nordestinos, migrantes pobres, muitos não têm terra e a maioria, assim como eu, nunca imaginou que poderia um dia ingressar numa Universidade Pública, cursar o Ensino Superior. Era um sonho distante e essa conquista por mim realizada foi uma ruptura, pois mostra que somos capazes de chegar longe se houver políticas públicas que oportunizem a todos desenvolver suas potencialidades. É uma prova do quanto inteligentes também somos. Teodoro (2003) adverte que:

A escola para todos, ao abrir as portas a novos públicos escolares, não apenas no ensino elementar, como o fez no passado, mas agora no ensino médio e até, tendencialmente, no ensino superior, significa uma realidade qualitativamente distinta, com a qual os decisores políticos, os professores, os estudantes e as famílias, a opinião pública em geral têm uma manifesta dificuldade em entender (TEODORO, 2003, p. 18).

A escola inicialmente foi pensada somente para as pessoas que faziam parte da classe social alta, não para os “miseráveis”. E no momento em que foi mudando o corpo discente das escolas, foram se misturando. Era como se estivesse afrontando a elite, estivesse batendo de frente com a classe social alta e mostrando que os direitos de todos eram iguais. Acredito que muitos discentes do nosso curso não acreditavam que pudesse um dia haver uma instituição superior que fosse voltada especialmente para nós, aqueles esquecidos e considerados fardos para os governantes, que só tem “valor” em época de política.

A LPEC-UNIFESSPA tem como objetivo formar educadores do campo. É um curso voltado para a formação de pessoas que tenham algum vínculo com a zona rural. Tem como público alvo candidatos ribeirinhos, indígenas, pessoas do campo, de áreas de assentamentos. É um curso regular presencial, no qual temos aulas na

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, em Marabá nos meses de Janeiro/Fevereiro e Julho/Agosto. E nos meses de Março a Junho e Setembro a Dezembro continuamos a formação desenvolvendo atividades obrigatórias em nossa comunidade, isto é, realizando pesquisas nas comunidades e escolas de onde viemos. A alternância pedagógica, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (2014) se limita de tal forma:

A organização das atividades acadêmicas privilegia um processo formativo vivenciado *em e por meio* de diferentes tempos, espaços e práticas, articulados em sessões de **Tempo-Espaço Universidade (TEU)** e **Tempo-Espaço Comunidade/Localidade (TC)**, experimentados através da organização e participação em seminários, oficinas e mini-cursos; estudos teóricos em grupos temáticos; organizações e produção de material didático acadêmico; visitas de estudo e pesquisas em instituições, organizações sociais e/ou comunidades; vivência de estágios, dentre outros. (PPC, p. 25, 2014, grifos do autor).

A formação do Licenciando em Educação do Campo na UNIFESSPA se realiza também por meio das Pesquisas Socioeducacionais desenvolvidas durante Tempo-Localidade, que é o tempo de investigação acadêmica sobre o cotidiano pedagógico das nossas comunidades e das escolas lá situadas.

“É o momento de levantamento de dados e da vivência de experiências socioeducativas junto à escola e a comunidade de modo que permitam a construção de reflexões sobre a realidade e os processos pedagógicos que no campo se desenvolvem” (PPC, 2014, p. 32).

Ao concluirmos cada Tempo-Universidade levamos conosco um Plano de Pesquisa Socioeducacional elaborado com os colegas e professor de cada turma. Esse plano se apresenta como um guia para as nossas atividades de estudo, pesquisa de campo e realização dos Estágios Docência,

[...] tendo como referência os enfoques temáticos propostos pelos eixos, bem como os temas da educação para a diversidade, os direitos humanos e a questão ambiental, colocando-se, assim, como um importante instrumento pedagógico na organização e sistematização do processo de formação a ser vivenciado pelos estudantes (PPC, 2014, p. 33).

As pesquisas Socioeducacionais fomentam nossa curiosidade para elaborar possíveis soluções aos desafios que identificamos nas observações em nossas comunidades. Essas pesquisas são importantes para nossa formação enquanto futuros educadores e como pessoas também. Em cada Pesquisa Socioeducacional somos convidados a investigar as histórias esquecidas da comunidade. Temos a oportunidade de pesquisar os motivos que levam as escolas rurais a serem fechadas pelos poderes

municipais e estadual, a seguirem os conteúdos das escolas urbanas e temos a audácia de mostrar algo diferente para que as escolas rurais valorizem sua própria história. Pena que, segundo a Secretaria de Educação de São Domingos do Araguaia, minha cidade natal, os conteúdos das escolas do campo tem que ser os mesmos e os professores precisam seguir o cronograma urbano sem restrição. Daí se coloca para os professores o desafio de pensar como trabalhar a partir da realidade do aluno se a cobrança dos poderes superiores impõem o contrário? Mas tudo tem um jeito. Seria bom pensar algo que não fugisse do cronograma escolar e valorizasse a história do lugar, valorizasse as ideias do aluno. Como afirma Lima (2020)

[...] o ser humano apresenta, desde o nascimento, uma plasticidade muito grande no cérebro, podendo desenvolver várias formas de comportamento, aprender varias línguas, utilizar vários recursos e estratégias para se inserir no meio, agir sobre ele, avaliar, tomar decisões, defender-se, criar condições de sobrevivência ao longo de sua vida (LIMA, 2020, p. 36).

Algumas de nossas pesquisas serviram para manter viva a história da localidade, para mostrar para a comunidade os heróis que ali residiam ou já residiram e tentar mostrar aos mais velhos o quanto precisamos aprender com eles. Na primeira pesquisa por mim realizada, foi preciso entrevistar moradores da comunidade, fazer transcrição das entrevistas gravadas, fazer uma linha do tempo de cada entrevistado e mais alguns quesitos. Foi neste trabalho que conheci a história sofrida de algumas pessoas que residiam na minha comunidade, como a história de seu Peixinho que sofreu maus-tratos durante a guerrilha. Muitos dos que viviam em minha comunidade passei a conhecer um pouco melhor através das pesquisas realizadas ao longo de minha formação no curso da LPEC-UNIFESSPA, pois o curso nos proporciona a oportunidade de entender a trajetória de cada um através da nossa história de vida. Isso ocorre porque um ponto de partida para a formação do Educador do Campo na LPEC-UNIFESSPA é

[...] o resgate e estudo dos elementos que compõem a memória, saberes, valores, costumes, bem como práticas sociais e produtivas dos sujeitos do campo e dos diferentes sujeitos atuantes no meio rural, direcionando-se a partir da prática da pesquisa por eixos temáticos. Nesse contexto, ter compreensão da complexidade mediante os conflitos e contradições que determinam tal existência e desenvolver a capacidade teórico-prática para pensar-organizar-fazer uma escola básica do campo que desenvolva uma formação crítico- reflexiva vislumbrando a capacidade criativa do ser, comprometida com os princípios de uma pedagogia emancipatória. (PPC, 2014, p.22).

O quadro docente da LPEC-UNIFESSPA é muito qualificado. As disciplinas ministradas nas turmas são muito bem planejadas e realizadas. Somos convidados a analisar nossa trajetória de vida, o que para mim é uma forma de enfrentar o nosso passado e vencer os fantasmas que nos assombram. Sofremos duas vezes pois há coisas que quando relembramos, sentimos o mesmo de antes mas e temos a oportunidade de vencer e superar ou ficar sempre sendo assombrados por eles.

Durante algumas aulas, eu sentia, porém, que alguns docentes pareciam não conseguir compartilhar todo o seu conhecimento. Mas agora posso ver que possa ser porque as ditas aulas eram de áreas diferentes as quais eu me dedicava mais e isso deva ser o motivo de achá-las “pouco interessantes”. Já outros professores ensinavam com facilidade. Tivemos professores que nos acolheram como filhos, outros de igual para igual. Foi melhor assim, pois se todos fossem iguais, não seria Educação do Campo e não teríamos nos desafiado e aprendido muita coisa. Nossos docentes são bem qualificados e dominam bem as áreas em que se formaram e é com eles que precisamos aprender um pouco mais sobre todos os temas que tentam nos ensinar. Mesmo nosso curso valorizando muito nossa cultura, nossas histórias e os limites do nosso domínio das novas práticas de letramentos exigidos na vida acadêmica, há um sistema que não deixa de exigir o cumprimento de diretrizes próprias das instituições de Ensino Superior. Os professores precisam adequar sua forma de ensinar às exigências da instituição de que fazem parte. Sobre isso, Giroux (1997) afirma que há:

[...] o estreitamento das opções curriculares ao formato de retorno aos fundamentos e a introdução de tempo na tarefa operam a partir da suposição errônea de que todos os estudantes podem aprender a partir dos mesmos materiais, técnicas em sala de aula e modos de avaliação. A noção de que os estudantes têm histórias diferentes e incorporam experiências, práticas linguísticas, culturas e talentos diferentes é estrategicamente ignorada dentro da lógica de e contabilidade da teoria pedagógica administrativa (GIROUX, 1997, p. 26).

Há professores que ainda estão muito presos a teorias tradicionais em que o currículo bom é aquele que está organizado metodologicamente, não sei se porque a disciplina que eles ministravam exigia isso. De certa forma, estes ponderamentos me ajudaram muito em minha escrita do memorial, pois foi durante a escrita que vi o quanto é necessário, de certa forma, a teoria tradicional. Há outros que desenvolvem suas aulas pautados na perspectiva de teorias pós-criticas, levando-nos a perceber que todos somos importantes, que podemos ser agentes das transformação de nossa realidade e sermos protagonistas na construção de outras realidades possíveis. No

momento em que os professores nos incentivam a questionar, a buscar conhecimentos, estão nos ajudando a desenvolver nossa criticidade diante do mundo e das relações que construímos.

Lembro que ao ingressar no curso, alguns alunos de turmas anteriores, de 2013 e 2014, nos pintaram alguns professores como carrascos. Falavam de um professor que, segundo eles, era muito ruim; que ninguém podia falar nada que não estivesse no contexto da aula. Foi o que nos fizeram acreditar. Toda a turma 2015 ficou assustada com tal “monstro”. Ledo engano. A aula ministrada pelo docente ficou marcada, foi inesquecível. Talvez fora tão marcante por causa da expectativa negativa que havíamos construído e, quem sabe por isso, nos fixamos tanto na aula. Sua aula era Sociedade, Estado e Educação. Nela o professor procurava nos provocar para que pudessemos nos atentar sobre o comodismo com o qual nos habituamos a viver. Abordava temas como o capitalismo que nos explora de uma forma ou outra e de como as empresas são bem-sucedidas não pagando impostos. Houve textos para serem lidos, filmes para analisarmos e compreendermos o que estavam querendo nos repassar. Nesta aula aprendi a desenvolver melhor meu senso crítico e foi durante a exibição do documentário de Milton Santos sobre globalização que percebi o quanto somos explorados, o quanto a mão de obra do trabalhador é desvalorizada.

Durante três semestres, todos os alunos da Educação do Campo estudam disciplinas em comum, isso já torna esse curso especial. Durante esse período dividido entre Tempo-Espaço Universidade (TEU) e Tempo-Espaço Comunidade/Localidade (TC), participamos de seminários, oficinas e mini-cursos, produzimos material didático acadêmico entre outros. Em seguida seguimos para a formação específica, intercalada com vários momentos de disciplinas comuns. Essa formação nos habilita para atuar no ensino Fundamental maior e Ensino Médio. É no terceiro período que se escolhe a área de formação específica. Os estudantes da LPEC-UNIFESSPA têm quatro opções de formação: Matemática (MAT), Ciências Humanas e Sociais (CHS) com habilitação em Sociologia, Filosofia, História e Geografia; Ciências Agrárias da Natureza (CHN), com habilitação em Biologia, Química e Física; e Letras e Linguagens (LL), com habilitação em ensino de Língua Portuguesa e Artes. Eu optei pela formação em LL.

Escolhi a área de Letras e Linguagens porque me identifico com a disciplina de Língua Portuguesa desde o tempo da escola primária. Já naquela época eu gostava de ler, de produzir textos e optei pela área para tentar me aprimorar e tentar um dia

repassar algo para meus alunos, algo novo. Na LPEC-UNIFESSPA aprendi que os textos não são para serem lidos de forma mecânica e responder questionários que, geralmente, vem logo a seguir. Aprendemos que os textos são discursos, carregam significados que precisam ser confrontados com crenças, valores e sentidos outros.

Aprendemos que poesia não são só palavras que se combinam, muitas delas trazem histórias surpreendentes, são sentimentos, lembrança, memória, som, subjetividade. Que poema precisa ser lido respeitando a pontuação, pois ele tem toda uma estrutura, forma, estética se não o observar, nunca vai entender o que há lá. Que o teatro é importante e deve ser trabalhado com os alunos, pois é através dele que alguns alunos irão se libertar da timidez, melhorar enquanto aluno e pessoas. Não é à toa que Boal em *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* (1991) afirma que o teatro é política, pois é uma atividade do homem e como toda atividade do homem é política. Além de ser uma arma libertadora da qual devemos nos apropriar. Se prestarmos atenção veremos que sempre estamos no palco, somos atores quase todo tempo, estamos sempre na luta: dentro de casa, na rua ou no trabalho.

Aprendemos que construímos todas as nossas relações *na e pela* linguagem. Estamos a todo momento construindo sentidos no que falamos, do que ouvimos, lemos, escrevemos ou compartilhamos em nossas redes. Nos estudos da área de LL aprendemos que a Literatura está sempre presente em nossas vidas. Aos alunos do campo, na disciplina de Língua Portuguesa, Redação ou Literatura, seria interessante trabalhar com eles como se eles fizessem parte das histórias apresentadas, eles precisam ser provocados o tempo todo, serem trazidos para a discussão do assunto debatido em sala sem que sua cultura e história sejam deixadas em segundo plano. Então penso que, como futura professora formada pela Educação do Campo, preciso trabalhar assim, incentivando os meus futuros alunos da mesma forma que fui desafiada.

O engraçado é que quando estamos estagiando vemos tantas soluções para os problemas que aparecem, mas não nos atentamos que quando estivermos lá, na sala de aula, iremos ver os mesmos problemas, mas com outros olhos, não o de pesquisador, mas o de professor. A diferença é que quando estivermos no lugar de docente, temos o poder nas mãos para fazer o diferente, para inovar.

Algo que nos provoca a querer fazer diferente e torna a educação do campo cada vez mais de qualidade é a formação que temos com um currículo que tem a interdisciplinaridade como uma diretriz na nossa formação. Ao longo de todo o curso

somos desafiados a pensar as questões e os desafios da educação do campo dialogando com professores e colegas das diferentes áreas de formação, pois “O curso é orientado pela alternância pedagógica, da pesquisa e do trabalho docente como princípios educativos e da interdisciplinaridade como matriz formadora do currículo proposto pela Licenciatura em Educação do Campo” (PPC, 2014, p. 15).

Ressalto aqui a grande importância da pesquisa e da interdisciplinaridade como princípios fundantes na minha formação. Entretanto, compreender tudo isso demandou muito tempo e angústia, pois, uma das maiores dificuldades que nós, alunos oriundos de escolas públicas cujo ensino era precário, nos deparamos ao adentrarmos na Universidade é com a grande quantidade e complexidade dos textos demandados de nós: resenhas, fichamentos, relatórios, etc. A maioria de nós vêm de um contexto com participação em poucos eventos de letramentos ou participávamos de eventos que não demandavam as habilidades exigidas para conseguir participar das práticas e dos eventos de letramento exigidos na vida acadêmica. Destaco aqui que estou entendendo evento de letramento como

uma ferramenta conceitual utilizada para examinar, dentro de comunidades específicas da sociedade moderna, as formas e as funções das tradições orais e letradas e as relações coexistentes entre as linguagens falada e escrita. Um evento de letramento é qualquer situação em que um suporte torna-se integrante de uma interação entre participantes e dos seus processos interpretativos (GERKEN; et al, 2014, 32).

Os alunos precisam ser desafiados para mostrarem o que sabem, para despertar seu senso crítico, sua capacidade de interpretação e sua visão política. Isso é exigido na faculdade. Mas também precisam de orientação e apoio para superarem as lacunas da formação escolar que trazem ao ingressar na Universidade. Muitas das dificuldades que enfrentei foram de coisas que eu deveria ter aprendido no ensino médio. Nós somos provindos de uma “educação bancária”, como diz Freire, por meio da qual somos ensinados só a obedecer, não podemos expor nossas ideias, nosso pensar e acredito que a educação do Campo veio para mudar esse quadro; veio para revolucionar a forma de ensino tanto das Universidades como nas escolas rurais e até mesmo urbanas. E nós, educandos desse novo modelo, precisamos fazer valer essa revolução, lutar para que aquilo viemos buscar não fique na Universidade, mas para além dela.

2.2. TEMPO-COMUNIDADE e TEMPO-UNIVERSIDADE: APRENDIZAGENS E SONHOS.

No primeiro semestre da nossa formação temos disciplinas que nos preparam para o primeiro tempo/comunidade. Tivemos uma viagem de campo, cujo objetivo era conhecer a realidade da nossa região. No nosso itinerário visitamos assentamentos e acampamentos de reforma agrária, a Serra Pelada e Serra dos Carajás. Como eu conhecia pessoas que já haviam cursado a LPEC-UNIFESSPA eu já tinha conhecimento dessa viagem de campo no início do curso e estava ansiosa por ela. Eu queria conhecer lugares novos, pois o lugar mais longe já tinha ido era em Marabá. Não conhecia Serra Pelada e tinha a curiosidade de ver como era o lugar.

O meu conhecimento sobre Serra Pelada era de reportagens e documentários que apresentavam a lendária “cidade do ouro”, de tantos sonhos perdidos. Surpreendi-me ao ver um lugar que, ao meu ver, parecia ter sido esquecido no tempo. A experiência de visitar Serra Pelada provocou em mim a sensação de tristeza, de desesperança nas pessoas. Naquele lugar encontramos pessoas que ainda tinham a esperança de receber do governo uma pequena riqueza por direitos adquiridos na Serra Pelada, pessoas que acreditavam que ainda ficariam ricos com o ouro lá existente. Nessa visita à Serra Pelada conversamos com um homem que relatou estar há mais de 40 anos longe da família, pois saiu atrás de riquezas para viverem melhor e nunca mais voltou. O ouro que conseguiu acabou. Por isso não tinha coragem de voltar sem nada. Ele tinha a esperança de conseguir mais e só assim retornar para casa. Assustei-me ao ouvir tiros, no meio da noite. Fiquei imaginando, como as pessoas viviam ali, sempre com medo da morte ou se já haviam perdido o medo também.

Na nossa estadia em cada lugar do nosso itinerário, conhecemos pessoas muito especiais que tentaram nos repassar a importância do cuidado com a terra. Eu nunca tinha dormido em acampamentos ou outros lugares, dividido espaço com muitas pessoas. Nessa viagem aprendi a partilhar e me responsabilizar pelo espaço e socializar, pois tínhamos que dividir atividades e todos ajudavam nas atividades praticadas no alojamento.

Na visita à Serra dos Carajás fiquei surpresa por sua beleza, limpeza e pela preservação predominante, um lugar bastante arejado mas bastante frio, não somente pelo clima, mas pelas pessoas que residem lá. As pessoas parecem que se sentem superiores aos demais que vivem na cidade de Parauapebas. Esta foi minha impressão. Na cidade de Parauapebas, paramos para almoçar já no retorno para casa. Eu imaginava e tinha ouvido falar que era uma cidade modelo, não havia pobreza, pois a Vale investia ali. Decepção! Não vi nada disso. Vi que é uma cidade como outra, que a

pobreza está em todo lugar e fiquei imaginando, como estará a Serra dos Carajás daqui a alguns anos? Lá a Vale ainda investe. Na experiência da viagem de campo exercitamos o nosso olhar de pesquisadores-observadores, o registro em diário de campo, conversas e entrevistas. Isso serviu de exercício para a nossa primeira Pesquisa Socioeducacional cujo objetivo era produzir um relatório com a história da nossa comunidade. No nosso caso, eu e minha filha, a Vicinal OP-1 no município de São Domingos do Araguaia- Pará. Para isso contamos com o apoio de meu esposo que nos levava de moto para fazermos nossos primeiros trabalhos.

Enfrentamos algumas dificuldades, principalmente quando as pessoas que você escolhe para entrevistar moram em lugares um pouco afastados e de difícil acesso. Mas houve muitos aprendizados. Foi através dessas pesquisas que me atentei para conhecer melhor minha comunidade e a história de vida dos moradores mais velhos que ainda residiam ali. Vi o quanto sofreram e o quanto ainda são abalados pelas lembranças tortuosas. Como a história do senhor Peixinho que sofreu maus-tratos na Guerrilha do Araguaia. Ele relatava o que sofreu com tanta veracidade que parecia que havia sido torturado há pouco tempo. Eu via nos olhos e na fala dele toda a dor contida em suas palavras. Cada um com seu sofrimento particular. Como nos lembra Delgado 2003):

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam. Narrativas, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a história em construção. São memórias que falam. (DELGADO, 2003 p. 23)

Antes desse trabalho, eu apenas os via como pessoas comuns, mas depois dele, os enxergo como verdadeiros heróis. São os heróis que venceram as verdadeiras dificuldades que a vida lhes impôs, que lutaram ou acolheram aqueles que lutavam por uma causa justa, por direitos que nós hoje usufruímos. Pena que por ser meu primeiro trabalho, deixei muito a desejar. Quantas perguntas deveria ter feito e não fiz, quantas pesquisas deveria ter feito e por inexperiência não pesquisei. Mas é assim que se aprende, o começo é reconhecer que falta algo que o inquieta.

Uma fase muito difícil de realização da pesquisa Socioeducacional I foi a transcrição das entrevistas realizadas com os moradores da comunidade. E, depois, a produção escrita do relatório de pesquisa. Como fazer tal relatório? Escrevíamos tanta coisa, mas para nós nunca estava bom. Foram muitos dilemas nos primeiros trabalhos!

Mas foi através dele que começamos a desenvolver o nosso lado pesquisador, passei a prestar mais atenção a minha volta e comecei a entender o que era ser uma estudante universitária. Nas demais pesquisas, fui me aprimorando cada vez mais, ou procurando me adequar aos novos desafios por mim enfrentados e com eles, aprender sempre mais.

Somente em janeiro de 2016 retomamos as aulas. No intervalo deste período houve uma greve de docentes das Universidades Federais. Por isso nossas aulas só reiniciaram no ano seguinte. Diante de tantos obstáculos na construção de uma educação superior pública e de qualidade, lembro aqui Freire, (1996) ao reforçar que “A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte” (FREIRE, 1996, p. 39). Os professores entraram em greve em busca de seus direitos e isso é incontestável.

Na Pesquisa Socio-educacional II o foco eram as práticas educativas formais e não formais realizadas na comunidade. Não conseguimos realizar a pesquisa na escola da OP-1, pois os professores não permaneciam muito tempo na escola. Eram contratados, havendo muito rotatividade, logo eram substituídos por outros. Não tinham informações sobre a organização e funcionamento da escola. O professor responsável pela escola não morava na comunidade. Vimos o que já destacava o PPC da Educação do Campo, ao justificar a necessidade de formação específica para educadores do campo, pois

Nas localidades rurais em que existem unidades escolares que ofertam o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano), o quadro profissional das escolas é composto de técnicos pedagógicos e docentes que, em grande maioria, moram nos centros urbanos, sede dos municípios, podendo comprometer o desenvolvimento do processo pedagógico, devido as constantes trocas de membros das equipes ou o distanciamento na relação com as comunidades (PPC, 2014, p.7).

Por isso, optamos para pesquisar a comunidade da Vila Metade e lá, descobrimos que a escola rural é anexa há uma escola urbana e a maioria dos professores se deslocavam da cidade para trabalhar nesta escola. A vila não é grande, mas as comunidades vizinhas a têm como referência para resolver pequenas coisas como: acompanhamento médico, já que lá tem um postinho de saúde; realizar compras, pois a vila tem alguns mercadinhos, bares e uma igreja que acolhe pessoas

da comunidade. Observamos que não havia organizações da formais da comunidade com os sindicatos ou cooperativas.

Na Pesquisa Socioeducacional III aprofundamos a reflexão sobre a história da comunidade e as práticas educativas lá observadas. Ao retomarmos os relatórios que produzimos e compartilharmos com os colegas de pesquisa observei que há diferentes formas de narrar um mesmo fato histórico. Cada um vê e lembra de seu ponto de vista, às vezes atropelando a cronologia da história em conjunto da comunidade. Percebi que as pessoas guardavam em suas memórias lembranças da comunidade vinculada há algum fato que aconteceu em sua vida pessoal. Mas é diante destas pesquisas que ficamos sabendo de muitas coisas sobre a real formação da comunidade.

Quando, em meados do curso, iríamos começar a realização do nosso Estágio de Formação Docente, deparei-me com a mesma proposta que tive no Magistério: um professor assinar meus documentos sem que eu precisasse realizar o estágio. Dessa vez, porém, eu me comprometi com minha formação como educadora e não aceitei a proposta. Eu quis ir para a sala de aula, me propus a observar e pesquisar, não cairia no mesmo erro. Se não o fizesse, como construiria meu relatório? Como sistematizaria meu trabalho? Seria complicado. Mesmo com olhares de espanto e questionamentos vindos do corpo docente da escola. No meu primeiro estágio docência, realizei uma investigação dos saberes escolares presentes na escola de minha comunidade e vi que os conteúdos não condiziam com a zona rural onde os estudantes estavam inseridos.

Assim, na Pesquisa IV, estagiei em sala de aula. Tinha que observar alunos e professores do ensino fundamental maior. Os alunos e a professora ficaram nitidamente constrangidos com a presença de uma estranha entre eles. Aos poucos fui me tornando invisível na sala, me esqueceram e ficaram à vontade. Consegui até entrevistar alguns alunos. Na pesquisa V desenvolvemos um projeto de intervenção com o objetivo de valorizar cultura local e pensá-la no currículo escolar. Realizamos uma atividade com produção de poemas pelos alunos. Esses poemas depois seriam apresentados para a comunidade escolar.

Foi muito gratificante esse trabalho, pois os alunos se empenharam, criaram, alguns poucos pegaram poemas prontos. Engajaram-se no projeto. Com o apoio da equipe da escola realizamos um sarau. Consegui com a Secretaria de Agricultura umas mudas de plantas e no final do dia da apresentação dos trabalhos, distribui as plantas para as famílias. Nas duas pesquisas percebi o quanto os alunos da zona rural precisam

ser provocados o tempo todo para melhorar seu desempenho escolar, precisam que instiguem sua inteligência, essa é a função do professor.

Na Pesquisa Socioeducacional VI, precisei mudar de escola, pois tinha que observar uma sala de aula com alunos do ensino médio e na escola em que tinha feito meus primeiros trabalhos só era ofertado o ensino fundamental completo. Migrei para cidade, pois só lá tem escola de Ensino Médio. Como mudei de escola, tive que fazer novamente uma pesquisa sobre o histórico da escola da escola.

Realizei minhas observações em uma sala onde os alunos não se importavam tanto com minha presença. No início ficaram meio desconfiados, mas logo me ignoraram e agiam sem constrangimentos, sendo eles mesmos. Estagiei nos períodos da manhã e tarde e observei que no período da tarde a maioria dos alunos eram da zona rural do município ou trabalhavam em meio período em algum lugar. Era alunos mais tímidos e muitos pareciam ter dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente, não participavam tanto das aulas. É triste, mais era uma realidade. Ainda hoje me pergunto por que não ter uma escola de Ensino médio, mesmo anexa a uma escola urbana, que atenda os alunos do ensino médio nas comunidades rurais? Havia um número expressivo de estudantes da área rural na escola onde estagiei e visivelmente pareciam não se sentir à vontade na escola urbana.

Já na Pesquisa VII, com o tema Trabalho e Juventude, desenvolvemos um projeto de intervenção numa turma de ensino médio. Orientamos os alunos na produção de memoriais e contamos com o apoio da professora da turma. Para motivar os estudantes a participar do projeto a professora falou que vareia ponto. A maioria dos alunos produziu algo, mas poucos foram bons. Alguns só escreveram o superficial. A escola realizou uma noite Cultural e aproveitamos para socializar a produção dos alunos.

Retomando meus relatórios e enquanto escrevo sobre as pesquisas que realizei durante minha formação na LPEC-UNIFESSPA, percebo que eu sempre sentia que faltava alguma coisa, que eu poderia ter me atentado mais, ter feito melhor. Colocava para mim mesma que faria melhor o próximo trabalho. Contudo, nunca me satisfazia, faltava algo para ficar excelente. Eu como minha própria avaliadora não daria a nota máxima. Em cada uma das pesquisas realizadas tentei absorver um pouco do que nos era apresentado.

Na primeira pesquisa passei a conhecer um pouco as pessoas que residiam na Vicinal OP-1 e da Vila Metade (onde fiz meu estágio), coisas que não sabia e pessoas

importantes que residiam aqui e estavam invisíveis perante os nossos olhos, passei a vê-los de uma forma diferente. O curso nos dá essa oportunidade, a de olhar a nossa volta e prestarmos atenção na história das pessoas mais velhas e quão grande sua importância em nossa comunidade. Foi diante desse trabalho que aprendi que nós precisamos ser pesquisadores o tempo todo, saber a história do lugar onde vivemos e não nos acomodarmos com o que nos é repassado somente.

Nas pesquisas realizadas nas escolas tomei conhecimento da realidade dos professores e dos alunos, tanto na sala de aula como na vida cotidiana. Observei que muitas vezes cometemos injustiças ao culpar os professores pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos. Entendi a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e que há muitos fatores externos à escola, relativos à vida que os alunos levam e que impactam a vida escolar deles. Como exemplo, lembro a realidade de alguns alunos que têm de acordar muito cedo para fazerem trabalhos manuais, tanto em lavouras como tirar leite e só têm “descanso” quando estão na escola, prejudicando assim o desempenho na escola. Os alunos não se programam, não tiram uma hora do dia para se dedicarem aos estudos que lhe darão um suporte melhor quando precisarem, quem sabe, aprofundar mais seu aprendizado, quem sabe frequentando uma faculdade. Os alunos são adolescentes e como tais, muitos não se preocupam com o futuro, acho que pensam que nunca vão precisar do que estão aprendendo na escola.

Enfrentei no processo de realização das pesquisas e dos estágios alguns desafios. Minhas maiores dificuldades se relacionavam à dificuldade de encontrar com os professores durante os contatos iniciais para realização dos Estágios. Os horários se desencontravam e às vezes a professora não podia ir à escola. Também tive dificuldades com membros da gestão de uma das escolas que não queria me aceitar como estagiária lá. Por fim, o mal estar por sentir que minha presença provocava constrangimento entre os alunos. Essas foram experiências para as quais precisamos nos preparar para lidar e enfrentar, pois quando as pessoas se sentem incomodadas com a nossa presença elas procuram nos afastar.

Durante as observações realizadas nos Estágios Docência chamou-me atenção a dificuldade que os alunos tinham com a leitura e a interpretação de textos. Eu ficava me imaginando no lugar da professora. Será que eu agiria diferente? Certa vez quase interrompi a aula da professora para sugerir como ela poderia ministrar a aula. Ela estava matando o texto que fazia parte da aula pedindo apenas que

respondessem o questionário sobre ele. Não instigou os alunos para entendê-lo, refletir sobre o que queria dizer ou mais, era apenas ler por ler.

Às vezes penso que alguns professores têm responsabilidades sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos. É inegável a realidade de que há ainda muitos professores de escolas do campo que não pertencem à comunidade onde trabalham e faltam com frequência, deixando os alunos sem aula, seja devido as fortes chuvas ou o carro que quebrou, por exemplo, o que prejudica a aprendizagem dos alunos. Sem contar o conteúdo das aulas que muitas vezes não condiz com a realidade dos alunos, é mera reprodução do currículo urbano. São fatores que precisam ser mais investigados em busca de soluções e durante minhas pesquisas, não me atentei a isso.

Novas pesquisas, novos trabalhos e mais relatórios. O curso nos prepara desde o primeiro trabalho para o TCC, pena que nem todos atentamos para as nossas produções, insistimos em complicar nossa vida. Houve casos de colegas do curso desistirem por acreditar que um curso particular seria mais fácil, não teria tanta cobrança e o trabalho final seria mais *light*, além de acharem que os professores cobravam muito. Pergunto-me se em algum momento esses colegas chegaram a perceber que perderam algo tão precioso que não encontram em outra Universidade, em outro curso, pois os desafios da formação que aqui encontramos são degraus que, se conseguirmos subir, só nos engrandecem perante nossas maiores dificuldades

Os textos que nos foram propostos para ter um referencial teórico para nossos trabalhos eram ótimos. Não sei se por causa do cansaço que se alastra durante o curso, alguns textos se tornam chatos sob a nossa visão, se tornam cansativos e improdutivos, mas depois que precisamos nos aprofundar nestes ditos textos, vemos o quão ricos são em conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha opção pela escrita do trabalho final de curso na forma de um Memorial se deu depois que me deparei com uma doença que acometeu meu pai: mal de Alzheimer. Quando você se vê em uma situação dessas fica com o destino incerto. Acredito que a pior coisa que existe é não lembrar de quem foi, o que fez. Ficar preso em um lugar do passado cada dia que passa e, muitas vezes, não lembrar da própria família, dos filhos. Angustia-me pensar que tal doença possa ser hereditário. Comecei a me questionar sobre a importância de ter um registro escrito de algo que fiz e foi importante para mim. Pelo menos vou ter algo para lembrar quem fui, meus feitos e sonhos.

Àqueles que ingressam na LPEC-UNIFESSPA recomendo que leiam o PPC do nosso curso. Dediquem-se à leitura dos textos indicados pelos professores, explorem o que lhes é oferecido, absorvam o máximo que puderem, prestem bastante atenção no que os professores lhe oferecem e sigam sem restrição o passo a passo dos trabalhos que lhes é proposto. Façam o que acredito que não fiz, não caiam nos mesmos erros. Deixei muito a desejar, pois deveria ter prestado mais atenção no que nos era proposto. Como a fila anda, é no andar da fila que você vê que o que foi é difícil voltar, no que errou muitas vezes não tem conserto e assim sucessivamente.

Posto isso, penso agora sobre o que encontrarei pela frente no meu trabalho como educadora do campo. Tenho expectativas de atuar como docente na área de linguagens, trabalhando na valorização das histórias da comunidade onde eu estiver, atenta à realidade dos meus alunos. Penso que é importante trabalhar arduamente com práticas de produção de textos, orientando os alunos a se apropriarem da variedade linguística exigida pela escola sem com isso construir estigmas sobre a língua que falam e ouvem em casa. Além disso, instigá-los a pesquisar e produzir histórias vividas por eles e seus ancestrais, fazendo com que fiquem vivas suas memórias, tornando suas histórias de vida uma espécie de biblioteca a serem exploradas por seus atuais e futuros familiares e membros da comunidade. Quem sabe transformar suas histórias em artigos, livros. Não custa sonhar!

Acredito que como educadora do campo o diálogo com os colegas de diferentes áreas do conhecimento será essencial para o desenvolvimento de projetos na escola que possibilitem aos estudantes o exercício da autonomia e autoconfiança, aprendendo a pesquisar orientados por todos os professores e sobre temas de

relevância para a realidade da comunidade e para a elaboração de soluções aos desafios que enfrentem.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. C. M. **Eu acho que os índios não querem mais falar na linguagem por causa do preconceito, não é professora! Desafios na Educação Escolar Intercultural Bílingue entre os Aikewara & Guarani-Mbyá no sudeste do Pará.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2018, .
- ALMEIDA, D. de M.di. **Memórias provisórias: 10 anos de encontro entre filosofia e educação.** Educação e linguagem, p.22, 2009.
- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Obras Poéticas.** Rio de Janeiro, 1991.
- CALDART, R. S.; PALUDO, C.; DOLL, J. **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores** (organizadores). Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.
- CALHEIROS, O. **“No tempo da Guerra”: Algumas notas sobre as violações dos direitos dos povos indígenas e os limites da justiça de transição no Brasil.** Re-vista Verdade, Memória e Justiça, v.9,p.2,2015.
- DELGADO, L. de A. N. **História oral e narrativa.** Minas Gerais: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO), 2003.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas.** São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERALDI, J. W. Unidades Básicas do Ensino de Português. In: **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006.
- GERKEN, C. H. de S.; ALVARENGA, T. A. R. de. OLIVEIRA, D. dos S.; OLIVEIRA, Ildete Freitas. **Letramento, identidade e cotidiano entre jovens xXkriabá.** Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v. 30, n.04, p. 251-276, Outubro-Novembro 2014.
- GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HAGE, S. M. **Movimentos Sociais do Campo e a afirmação do direito a educação: pautando o debate sobre as escolas multisseriadas na Amazônia paraense.** Brasília. R. bras. Est.pedag. v. 217. p. 302-312, set/dez. 2006.
- JUNIOR, A.G.T.; RUBIO,G. C.; MATUMOTO, F. G. V. **A conduta ética do professor com base na pedagogia da autonomia de Paulo Freire.** Akrópolis Umuarama, v. 17, p.149-158, jul./ set.. 2009.
- JUSTAMAND, M. MECI, P. S. **Guerrilha do Araguaia: Arqueologia, História e Direitos Humanos.** Vestígio-Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica. Vol. 8/ n:2/ Julho-Dezembro 2014.
- LIMA, E. S. **Currículo e desenvolvimento humano.** São Paulo. 2005.
- SENA, L. R de; ALENCAR, M. C. M. **Letramento(s) e identidades na luta por Reforma Agrária no sudeste paraense.** IFPA. Scientia Plena. vol.10, num 03. Marabá, 2014.
- Manual para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso II: Estrutura e Formação,** 2020 (no prelo).

MARTINS, J. de S. VII-Guerrilha do Araguaia: **o vencedor e o vencido/ in expropriação e Violência**: A questão política no campo. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

PASSEGI, M. C. **Memorial de Formação**. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M.; VIEIRA, L. M. F. Dicionário: **Trabalho, profissão e condição docente**. Belo horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

PPC do Curso Licenciatura em Educação do Campo. Marabá. 2014.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual antirracista**. Companhia das Letras. 2019.

SANTOS, E.V. dos. **Relatório da Pesquisa Sócioeducacional I**. Licenciatura em Educação do Campo, Universidade federal do Sul e sudeste do Para, Tempo Comunidade, janeiro /2016.

_____.**Relatório da Pesquisa Sócioeducacional III: realidade da localidade- Vila Metade**. Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para, Tempo Comunidade, janeiro/2017.

_____. **Relatório da Pesquisa Socioeducacional IV e de Estágio Docência I**. Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para, Tempo Comunidade, julho/2017.

_____.**Relatório da Pesquisa Socioeducacional V e de Estágio Docência II**. Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para, Tempo Comunidade, janeiro/2018.

_____.**Relatório da Pesquisa Socioeducacional VI e de Estágio Docência III**. Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para, Tempo Comunidade, julho/2018.

_____.**Relatório da Pesquisa Socioeducacional VII e de Estágio Docência IV**. Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para, Tempo Comunidade, janeiro/2019.

TEODORO, A.. **Globalização e educação**: políticas educacionais e novos modos de governo. São Paulo: Cortez Editora. 2003.

VENDRAMINI, C. R.; MARCASSA, L. P.; TITTON, M. e CONDE, S. F. Escola, trabalho e perspectiva de futuro de jovens estudantes. **RIAEE**, Araraquara, v.12, n4, p.2155-2155, out/dez. 2017.

ANEXOS



Serra Pelada (Fonte: Arquivo Pessoal, turma 03, Fecampo, 2015)

Escola Municipal Maria Salete Ribeiro Moreno, Palmares (Fonte: Arquivo Pessoal, turma 03, 2015)



Serra dos Carajás (Fonte: Arquivo Pessoal, turma 03, 2015)





IALA (Fonte: Arquivo Pessoal, turma 03, 2015)



Acampamento Frei Henri (Fonte: Arquivo Pessoal, turma 03, 2015)

